

EDUCAÇÃO SEXUAL ESCOLAR E CINEMA PORNÔ: APROXIMAÇÕES A PARTIR DE UMA ANALÍTICA DE GÊNERO

Camila Macedo Ferreira Mikos¹
Jamil Cabral Sierra²

Resumo: Com aporte teórico-metodológico nos estudos de gênero de perspectiva pós-estruturalista, propomos uma aproximação entre a pornografia audiovisual e a educação sexual escolar médico-científica. Para tanto, tomamos como objetos de análise o filme *Garganta Profunda* (1972) e a coletânea *Enciclopédia da Vida Sexual: da Fisiologia à Psicologia* (1973). Nessa proposição de acercamento entre artefatos culturais entendidos, aparentemente, como discordantes, perseguimos as seguintes perguntas: O que os filmes pornográficos ensinam sobre o sexo? Em que medida as pedagogias de gênero e sexualidade exercidas pelo cinema pornô se aproximam das exercidas pela educação sexual escolar? Estariam esses múltiplos discursos sobre a égide de uma mesma norma? A partir da análise dos artefatos, discutimos seus alinhamentos discursivos à norma regulatória da heterossexualidade reprodutiva.

Palavras-chave: Educação Sexual; Cinema Pornô; Artefato Cultural; Dispositivo de Sexualidade.

Approaching School's Sex Education and Porn Films: A Gender Analysis

Abstract: Instrumented by post-structuralist gender studies, this paper proposes an approximation between porn cinema and school's sex education. For that, we analyze the film *Deep Throat* (1972) and the five-book collection *Enciclopédia da Vida Sexual: da Fisiologia à Psicologia* (1973). Through the approach of these cultural artifacts, we launched the questions: What does pornographic movies teach about sex? Is it possible to approximate the pedagogies of gender and sexuality exercised by hardcore porn films to those exercised by school's sex education? Are these multiple discourses under the same normative aegis? From the analysis of the artifacts, we discuss its discursive alignments with heterosexual and reproductive norms.

Keywords: Sex Education; Porn Cinema; Cultural Artifact; Dispositive of Sexuality.

INTRODUÇÃO ³

Nas pesquisas brasileiras, ao menos nas duas últimas décadas, são vários os trabalhos que se lançam no entrecruzamento entre Educação, Cinema, Gênero e

¹ Universidade Federal do Paraná (docema.lamica@gmail.com)

² Universidade Federal do Paraná (jamilcasi@gmail.com)

³ Este artigo apresenta, de maneira revista e parcial, resultados oriundos da dissertação de mestrado intitulada *Produzir o sexo verdadeiro, regular o sexo educado: aproximações entre o cinema pornô e a educação sexual*, defendida no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Paraná, em 2017. A pesquisa foi realizada com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Sexualidade – tanto ensaiando olhares da Educação para o Cinema, quanto investigando as pedagogias da sexualidade exercidas pelos discursos filmicos. Nas trilhas desse mesmo movimento, com aporte teórico-metodológico nos estudos de gênero de perspectiva pós-estruturalista, propomos, neste trabalho, uma mirada que engendra aproximações possíveis entre o cinema pornô⁴ e outras instâncias pedagógicas mais aceitas e legitimadas, que se orientam pelo conhecimento médico-científico e que têm como foco a promoção da “saúde sexual”, tal qual a educação sexual escolar. Para tanto, tomamos como objetos de análise dois artefatos culturais, isto é, dois instrumentos da cultura que interpelam os sujeitos e produzem significados: o filme *Garganta Profunda* (1972) e a coletânea *Enciclopédia da Vida Sexual: da Fisiologia à Psicologia* (1973).

Garganta Profunda (*Deep Throat*), escrito e dirigido por Gerard Damiano, é considerado, pela maioria dos estudos da área, o primeiro longa-metragem colorido e sonoro a acrescentar cenas de sexo explícito à sua narrativa e, ainda assim – após sucessivas batalhas judiciais –, ser exibido legalmente em salas de cinema, alçando-o ao posto de fundador da indústria do cinema pornô – ou seja, de um sistema de realização e distribuição de filmes que alcançam (e que são destinados a) grandes públicos, desencadeando o surgimento de estúdios profissionais voltados às produções pornográficas, o aparecimento de um sistema de *porn star* semelhante aos moldes do estrelato hollywoodiano e, também, instaurando uma gramática própria na maneira de filmar e enquadrar os corpos e atos sexuais. (WILLIAMS, 1989; ABREU, 1996).

A Enciclopédia da Vida Sexual: da Fisiologia à Psicologia (1973), publicada na França, originalmente, apenas um ano após o lançamento de *Garganta Profunda* – e no mesmo ano em que se decide oficialmente pela inclusão da educação sexual nas escolas do país –, é uma coletânea que se divide em cinco volumes, cada um deles apresentando conteúdos destinados a uma faixa etária (dos 7 aos 9 anos; dos 10 aos 13; dos 14 aos 16; dos 17 aos 18; e, por último, um volume destinado ao público adulto)⁵. Com exceção do último título, que conta

4 Mesmo compreendendo que “pornografia” é um conceito muito mais espraído do que “cinema pornográfico”, bem como muito menos estável do que a redução do pornô ao que há nele de hegemônico ou mainstream, procuramos, neste trabalho, torcer as investidas em prol da investigação e da categorização do “anormal” para, pelo contrário, colocar sob interrogação a própria norma.

5 Destacamos que essa organização por faixas etárias corresponde, em maior ou menor grau de proximidade, à própria organização escolar em séries/anos. Atualmente, no Brasil, por exemplo, a faixa etária dos primeiros anos do Ensino Fundamental é de 6 a 10 anos, enquanto a dos anos finais é de 11 a 14 anos e, a do Ensino Médio, de 15 a 18 anos, preservando, assim, relações de semelhança com as faixas etárias às quais os volumes da enciclopédia se destinam. Grosso modo, parece-nos possível dizer que o primeiro volume se relaciona à primeira fase do Ensino Fundamental, o segundo à segunda fase, o terceiro e quarto ao Ensino Médio.

com a participação, também, de uma socióloga, todos os livros foram escritos por um mesmo grupo de profissionais da área da saúde, composto por ginecologistas, obstetras e pediatras. A primeira edição brasileira da *Enciclopédia* é lançada apenas dois anos após a original, em 1975, contando ainda com mais duas edições, em 1976 e 1977 – antecedendo, assim, em alguns anos, a “febre editorial” que se estabeleceu no Brasil durante a década de 1980, na qual fascículos numerados, de periodicidade semanal ou quinzenal, eram publicados e vendidos em bancas de jornais e revistas para, ao término dos números, tornarem-se juntos um volume enciclopédico de educação sexual (na maioria dos casos, uma edição traduzida de enciclopédias europeias).

A escolha de *Garganta Profunda* e da *Enciclopédia da Vida Sexual* como materiais empíricos de pesquisa constrói – a partir da investigação das movimentações que os precederam, que os originaram e que, ademais, foram também desencadeadas, (re)produzidas e sucedidas por eles – um trançar de informações pertinentes ao cinema pornográfico e à educação sexual. Nessa proposição de acercamento entre artefatos culturais entendidos, aparentemente, como discordantes, perseguimos as seguintes perguntas: O que os filmes pornográficos ensinam sobre o sexo? Em que medida as pedagogias de gênero e sexualidade exercidas pelo cinema pornô se aproximam das exercidas pela educação sexual escolar? Estariam esses múltiplos discursos sobre a égide de uma mesma norma?

A fim de melhor circunscrever o campo conceitual a partir do qual nos é possível formular esses questionamentos, a primeira seção deste texto constrói uma espécie de genealogia da educação sexual, procurando os fios que enredam o cinema pornô ao *dispositivo de sexualidade* foucaultiano, o que possibilitará, na década de 1970, o encontro entre *Garganta Profunda* e a *Enciclopédia*. Em um segundo momento, ensaiamos, a partir da análise do material empírico e em articulação com o pensamento de Judith Butler, algumas pistas sobre as convergências entre as verdades do sexo produtoras e (re)produzidas por esses dois artefatos.

Se nossos esforços, aqui, voltam-se a mostrar as possibilidades de aproximação entre *Garganta Profunda* e a *Enciclopédia da Vida Sexual*, cabe-nos salientar, desde já, que não queremos com isso equipará-los ou encerrá-los em uma relação linear de parecença. Entendemos que, embora não sejam o foco do presente estudo, entre o filme e a enciclopédia se estabelecem também dinâmicas de contestação e tensionamento. Também não objetivamos, a partir da

aproximação entre os dois artefatos, realizar uma defesa da pornografia como um instrumento pedagógico equivalente, em todos os seus aspectos, ao dos evocados pela educação sexual escolar. Tampouco objetivamos, por outro lado, embutir na educação sexual escolar, pejorativamente, o rótulo de “pornográfica”.

Se tomamos a pornografia e a educação sexual escolar como objetos de estudo é porque nos parece que as respostas fáceis – como defender uma, condenar a outra, ou, ainda, tratar a ambas como indesejáveis/imorais – são insuficientes para pensarmos os problemas do presente. Ao delinear os encontros entre o cinema pornô e a educação sexual médico-científica, temos como propósito colocar sob suspeita a produção e naturalização de verdades do sexo que emergem das mesmas relações de poder-saber-prazer. Verdades, essas, que não só hierarquizam, classificam e ordenam os corpos, mas que também sujeitam, violentam e, em últimas, exterminam existências.

UMA EDUCAÇÃO SEXUAL PORNÔ-CIENTÍFICA?

Não seria exagerado – e nem sequer inédito – dizer que a emergência do cinema pornográfico está intimamente ligada à produção de pedagogias da sexualidade. Ainda nas primeiras décadas dos anos 1900, por exemplo, a exibição em bordéis e casas de prostituição dos *stag films* – também chamados de *dirty movies* ou, ainda, *blue movies*, e definidos por Nuno Cesar Abreu como “[...] os legítimos ancestrais dos filmes de sexo explícito [...]” (1996, p. 45) – tinha como intuito não só estimular os clientes masculinos a desfrutarem dos serviços ofertados pelas mulheres que trabalhavam nesses ambientes, como também – e principalmente – instruí-los sobre os corpos e as práticas sexuais. (ABREU, 1996).

Resguardadas as discontinuidades e rupturas históricas que se estabelecem ao longo do tempo, o reconhecimento de um potencial pedagógico operado pela pornografia, longe de ter ficado restrito aos filmes do século passado, ganha novos contornos e aparece, em certa medida, atualizado em enunciados contemporâneos a respeito da necessidade de se evitar o consumo de pornografia *online* por crianças e adolescentes. Uma breve busca pelos termos “pornografia e educação sexual” no *Google*, por exemplo, oferece-nos como resultado uma ampla variedade de matérias e reportagens acerca de como a pornografia *online* tem se tornado a principal fonte de informação e de instrução sobre o sexo na atualidade.

Pornografia e Educação Sexual

“A primeira coisa que gosto de lhes perguntar é ‘o que vocês têm aprendido nas suas aulas de educação sexual?’. Essa pergunta é usualmente seguida por um longo silêncio [...] algumas vezes, eles me falam ‘sobre DST’, penetração de pênis e vagina e gravidez’, mas a maioria deles diz ‘nada’”. E piora: “A próxima coisa que eu gosto de lhes perguntar é ‘onde você aprendeu sobre o prazer sexual?’ e eles sempre me dão a mesma resposta: ‘no pornô’”.

Segundo Tallon-Hicks, enquanto todo o aparelhamento social falha em ensinar esses jovens sobre o real prazer sexual, a pornografia, que está cada vez mais acessível para eles por causa dos smartphones, potencializa-se como educadora sexual.

Medium, 31/07/2018

Quando a pornografia substitui a educação sexual

"Eu chamo a pornografia de ficção científica da sexualidade humana", crítica com humor Nayara Malnero. Para a autora de 'Sexperimentando', o problema é que não existe um forte compromisso com a educação sexual na Espanha, nem do sistema educacional nem da maioria das famílias. "Segundo um estudo do portal pornográfico Pornhub, a grande maioria das crianças já esteve em contato regular com conteúdo pornográfico ao chegar aos 11 anos. Os jovens usam a pornografia como um substituto da educação sexual e, embora seja melhor que nada, você pode imaginar aprender a dirigir com base em como Bruce Willis faz isso em seus filmes de ação? Pois é exatamente o mesmo", acrescenta Malnero, para quem os pais são os que devem combater isso "por meio da prevenção, da educação, disponibilidade para o que precisam e dar a resposta para todas suas dúvidas". Em suma, "criar um bom clima de naturalidade" para o diálogo.

El País, 25/12/2017

O que é a tal da educação sexual

O Governo Federal anunciou que a partir de fevereiro será iniciada uma campanha para prevenção de gravidez na adolescência e ISTS: que escolas

²Disponível em: <https://medium.com/midium/pornografia-e-educa%C3%A7%C3%A3o-sexual-204237a5337e>. Acesso em: 17/07/2021.

³Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/12/21/estilo/1513853135_766825.html. Acesso em: 17/07/2021.

orientem adolescentes a não fazer sexo. A ministra da da [sic] Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, Damares Alves, defende a política de abstinência sexual como melhor forma para lidar com as questões. (...)

Para Luciane Ângelo, essa campanha vai na contramão do que seria ideal. “Ao invés de passar conhecimento, estão tirando conhecimento e isso é muito perigoso”, defende.

Caroline concorda com ela. “Quando você foca na abstinência, deixa de falar da realidade do jovem. As pessoas acreditam que o silêncio faz com que os adolescentes não queiram transar. Mas nossa realidade não é essa. Somos o quarto país do mundo em casamento infantil, a gente tem que ver o que estamos ensinando para nossos meninas e meninas”, defende. Ela ainda lembra que, enquanto a educação se cala, os jovens vão se educar de outras formas com a pornografia, aprendendo sobre sexualidade de maneira distorcida e com pouca qualidade.

*Revista Az Mina, 28/01/2020**

Os efeitos dessa compreensão têm, em algum sentido, reverberado até mesmo no âmbito da indústria do sexo. Em outubro de 2020, por exemplo, um dos maiores portais de veiculação de conteúdo audiovisual pornográfico da internet, o *PornHub*, anunciava uma nova e, até certo ponto, inusitada empreitada: a *PornHub Sex Ed*. Composta por vídeos de curta duração narrados por especialistas e terapeutas sexuais, a série aborda temas que vão da anatomia dos corpos aos protocolos do “sexo seguro”, passando por tópicos como benefícios da prática sexual, masturbação e preparação para o contato íntimo. Compartilhando o espaço virtual do site com os vídeos de sexo explícito, o conteúdo de *Sex Ed* dispõe de um formato que combina entretenimento à difusão de informações. À imprensa, o vice-presidente da empresa, Corey Price, defendeu que a iniciativa visa preencher uma lacuna em relação à instrução sexual, ofertando conhecimentos com embasamento científico a um público cuja formação advém, em grande medida, do imaginário pornográfico.

Caminhando conjuntamente à admissão dessa dimensão educativa do pornô, contudo, outros dois movimentos também despontam no âmbito dessa discussão. O primeiro deles: uma polarização entre o cinema pornográfico e a educação sexual escolar, definindo-os como rivais na forma como exercem pedagogias da sexualidade e na disputa pela discursivização do sexo. Essa

*Disponível em: <https://azmina.com.br/reportagens/o-que-e-a-tal-da-educacao-sexual/>. Acesso em: 17/07/2021.

°Disponível em: <https://pt.pornhub.com/channels/pornhub-sex-ed>. Acesso em: 17/07/2021.

perspectiva se desdobra, comumente, na ideia de que crianças e adolescentes recorrem à pornografia por haver um silenciamento institucional em torno do sexo – que compreenderia, principalmente, a escola e a família. Nessa esteira, defende-se (ao menos nas alas mais progressistas da sociedade) que, para inverter os placares do jogo e diminuir o espaço educativo tomado pela pornografia, as escolas precisariam dar mais lugar à fala sobre o sexo, garantindo-se como fonte principal de informação.

A necessidade, por sua vez, de que a escola entre nessa briga, assenta-se no que identificamos como um segundo movimento: isto é, o estabelecimento de uma ideia de saúde (e, conseqüentemente, também de risco à saúde) relacionada ao sexo e às práticas sexuais. Em outros termos, um entendimento da sexualidade enquanto campo de inscrição da saúde e da doença. O que parece estar em jogo, portanto, na disputa entre a escola e o pornô, é uma educação sexual saudável (a escolar) *versus* uma educação sexual prejudicial ao desenvolvimento de crianças e adolescentes (a exercida pela pornografia).

Contudo, essa relação entre educação sexual e saúde – que aponta para o imbricamento entre educação sexual e saberes médicos – tampouco pode ser lida como uma compreensão instalada e difundida a partir das discussões sobre a circulação da pornografia via internet. Distante de ser uma novidade, esse compromisso com a promoção de uma conduta sexual “saudável” é o que vem funcionando, no Brasil, como porta-de-entrada para a temática do sexo e da sexualidade no ambiente escolar desde as primeiras investidas nessa direção, ligadas a uma reação à epidemia de sífilis, nas décadas de 1920 e 1930, até seu ressurgimento, nos anos 1990, diante da proliferação do HIV/AIDS e do aumento de casos de gravidezes indesejadas na adolescência (ALTMANN, 2001; SAYÃO, 1997; CÉSAR, 2009).

De mesmo modo, a tese de que, em nossa sociedade, o sexo se constitui como um campo de interdição – que aparece, nos embates atuais, a partir do argumento de que crianças e jovens buscam a pornografia por não poderem abordar a temática sexual em outros espaços e por outros vieses – remonta aos discursos acerca da repressão sexual que têm se proliferado intensamente pelas sociedades ocidentais desde a passagem do século XVIII para o XIX, conforme nos mostra Foucault no primeiro volume de *História da Sexualidade*.

Contrariando essa hipótese repressiva, a respeito do policiamento da discursivização do sexo no ambiente escolar, afirma Foucault:

Seria inexato dizer que a instituição pedagógica impôs um silêncio geral ao sexo das crianças e dos adolescentes. Pelo contrário, desde o século XVIII ela concentrou as formas do discurso neste tema; estabeleceu pontos de implantação diferentes; codificou os conteúdos e qualificou os locutores. [...]. É possível que se tenha escamoteado, aos próprios adultos e crianças, uma certa maneira de falar do sexo, desqualificada como sendo direta, crua, grosseira. Mas, isso não passou da contrapartida e, talvez da condição para funcionarem outros discursos, múltiplos, entrecruzados, sutilmente hierarquizados e todos estreitamente articulados em torno de um feixe de relações de poder. (FOUCAULT, 1999, p. 31)

Talvez possamos entender a pornografia como parte daquilo ao qual Foucault chamou de “[...] maneira desqualificada como sendo direta, crua, grosseira [...]” de falar de sexo e que, por isso, tente-se posicioná-la tão ostensivamente afastada da educação sexual escolar – incitando discursos, inclusive, sobre a necessidade desse afastamento. Mas destoar na “maneira de falar” implicaria, necessariamente, em uma incongruência naquilo o que se põe a falar?

Seguindo o pensamento foucaultiano a respeito da multiplicação de discursos sobre o sexo, o procedimento da confissão – anteriormente vinculado rigidamente ao da penitência, depois difundido e utilizado “[...] em toda uma série de relações: crianças e pais, alunos e pedagogos, delinquentes e peritos [...]” (FOUCAULT, 1999, p. 62), para, não sem dificuldade, ser colocado e aplicado em conformidade com os esquemas de regularidade científica – instrumentaliza a produção de uma verdade sobre o sexo, consolidando a *scientia sexualis*: uma forma de poder que se insere tanto em uma economia de prazer, quanto em um regime ordenado de saber. Dentre outras maneiras, a “medicalização dos efeitos de confissão”, sistematizada em operações terapêuticas, é listada por Foucault como uma das formas de se extrair a confissão sexual em congruência com a Ciência, produzindo o sexo no campo da normalidade e da patologia e instaurando “[...] uma nosografia própria, a do instinto, das tendências, das imagens, do prazer e da conduta.” (FOUCAULT, 1999, p. 66).

A interligação entre a educação sexual escolar e os saberes médicos, assim, desponta em coerência tanto com o processo de medicalização descrito por Foucault, quanto com a ideia de rede discursiva, na qual saberes variados (como

o da pedagogia e o da medicina) encadeiam-se e encruzilham-se na constituição do sexo como objeto da verdade.

Foucault apresenta a ideia, assim, de que a sexualidade não é um dado da natureza, mas um dispositivo histórico, esse emaranhado discursivo de poderes-saberes diversos, que serve para gerenciar e controlar a produção dos corpos e das subjetividades. Desde a descrição e análise do *dispositivo de sexualidade* realizada pelo autor, houve, por certo, deslocamentos na discursivização em torno do sexo, mesmo no contexto escolar. Ainda assim, os efeitos de produção de uma norma sexual – e de normalização dos corpos e de suas práticas – parece apenas vestir novas roupagens, encadeando outras instâncias discursivas, sem, com isso, abandonar a ciência da sexualidade e seu regime ordenado de saber.

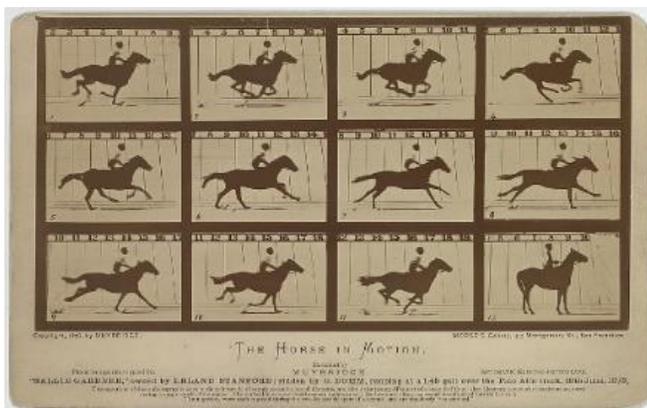
Essa mediação dada pela cientificidade – ou seja, pelo compromisso com a produção da verdade – que aparece como desejável e existente entre a educação sexual escolar e os saberes médicos, talvez, em uma primeira análise, pareça mesmo inconciliável com as pedagogias da sexualidade exercidas pela pornografia – esta, inclusive, entendida como um campo de ficcionalização, logo, descompromissada com um regime de veracidade. No entanto, a própria noção de pornografia, como a conhecemos, mantém laços estreitos com a noção de verdade produzida pela modernidade.

Embora a emergência da pornografia moderna tenha também se dado a partir das novas e baratas tecnologias de impressão que surgiram no século XVI, é só na passagem do século XVIII para o XIX que a pornografia se consolida como uma categoria independente e distinta de literatura e de representação visual. Se, entre os anos 1500 e 1800, os impressos pornográficos se apresentavam principalmente como um instrumento de crítica às autoridades políticas e religiosas, a partir do século XVIII, a pornografia se torna um negócio comercial cujos objetivos são produzir excitação e prazer sexual, passando a ser controlada e regulamentada em nome da decência, não mais da religião e da política. (HUNT, 1999). Nesse sentido, afirma Lynn Hunt: “[...] assim como a medicina, a loucura, a prisão e a sexualidade, a pornografia deve ser considerada produto das novas formas de regulamentação e dos novos desejos de saber” (1999, p. 11).

No que concerne especificamente à pornografia audiovisual, se escavarmos a história das imagens em movimento, talvez possamos mesmo apostar que a *scientia sexualis* é tão constituinte do cinema pornográfico quanto o é da educação sexual medicalizada. Antes de mais nada, como um primeiro

argumento nessa direção, porque é também a vontade de saber do século XIX que deflagra o surgimento do cinema. Se as experiências com fotografias sequenciais do médico e fisiologista Étienne-Jules Marey e as do engenheiro Eadweard Muybridge, nos anos 1880, começam como uma investigação científica da decomposição dos movimentos dos corpos, elas logo se tornam também um exercício de recomposição desses movimentos, em uma espécie de passagem para a cinematografia. (MACHADO, 2015).

Figura 1 – Fotografias sequenciais de Eadweard Muybridge



Fonte: MUYBRIDGE (1878).

Figura 2 – Fotografias sequenciais de Étienne-Jules Marey



Fonte: MAREY (1886).

Em *Hard Core: Power, Pleasure and The Frenzy of The Visible* (1989), Linda Williams propõe que é essa nova maneira de construir conhecimentos sobre o corpo – utilizando máquinas que “enxergam melhor do que o olho humano” para capturar e tornar visível a mecânica dos corpos – que também possibilita a emergência do cinema pornô. Analisando as séries que retratam os movimentos de mulheres e homens em *Animal Locomotion* (1887), de Muybridge, Williams conclui que a invenção do cinema se desenvolve, em certa medida, a partir da vontade de naturalizar, mediante a criação de uma narrativa, o movimento dos corpos que aparecem nas imagens sequencialmente capturadas.

Mas o que chama a atenção da autora é, precisamente, a diferença entre as seqüências de imagens dos movimentos de homens e as de mulheres:

[...] quando os movimentos masculinos requerem adereços, estes adereços são sempre simples, como uma serra e algumas madeiras para carpintaria. Mas quando as mulheres precisam de adereços ou ferramentas, estas são não só mais numerosas, como muitas vezes nem sequer servem para a atividade que está sendo ilustrada [...] (WILLIAMS, 1989, p.40, tradução nossa).

Cortinas transparentes, leques abanando, adereços e gestos supérfluos: as mulheres, nos experimentos de Muybridge, aparecem sempre compondo fantasias, encenações cheias de detalhes prescindíveis e erotizadores. O crucial no argumento de Williams é, portanto, como a criação de narrativas acaba por emergir do discurso ostensivamente científico a respeito dos corpos, mediante um erotismo que, para a autora, “[...] nega à mulher qualquer significado para além de suas marcas de diferença em relação ao sexo masculino.” (WILLIAMS, 1981, p. 33, tradução nossa). E é, por fim, precisamente nesse jogo de significação da diferença entre o feminino e o masculino que se localiza “[...] o princípio motivador da narrativa pornô” (ABREU, 1996, p. 110).

Nesse sentido, Nuno César Abreu explica que a especificidade do pornô enquanto gênero cinematográfico é a “[...] ação sexual *na* e *como* narrativa” (1996, p. 110), em que o sexo é tanto apresentado como problema/conflito desencadeador da trama, quanto como desenlace/solução da mesma. Sendo o desejo heterossexual a força eruptiva da narrativa, o autor afirma que é “[...] a relação/oposição entre os sexos que parece animar os conflitos, e como a natureza destes é sempre de ordem sexual, a solução se dá sempre através do sexo, figurada nas *performances*” (1996, p. 111).

Assim, se é a investigação científica a respeito da verdade dos corpos que suscita a produção de narrativas que naturalizem os movimentos retratados e se, por sua vez, essas narrativas configuram-se como marcadoras e marcadas pela relação de diferenciação/oposição entre o feminino e o masculino, não temos, justamente nos experimentos científicos de Muybridge, as condições de emergência do que viria a ser o motor deflagrador das narrativas e da iconografia do cinema pornô? Mas, mesmo que aceitemos que sim, haveria ainda rastros dessa cientificidade no cinema pornô, ao modo como passamos a conhecê-lo a partir dos anos 1970?

UM CINEMA PORNÔ-ENCICLOPÉDICO?¹⁰

Em *Garganta Profunda*, encontramos os dois componentes que se tornaram paradigmáticos para a pornografia audiovisual: “[...] a exibição em *close* das genitálias em ação e a ejaculação masculina fora do orifício vaginal feita 'para a câmera' (o *money shot* ou *come shot*)” (ABREU, 1996, p.96). Nuno Cesar Abreu, no livro *O Olhar Pornô* (1996), atribui a esses elementos a evidência de verdade e o efeito de impressão de realidade (p. 65), justificando-os como importantes para o sucesso com o público. Porém, com inspiração no pensamento de Judith Butler, podemos pensar os *closes* em genitálias, mais do que como indícios de uma verdade, como produzidos em função de um regime de verdades: a matriz heterossexual.

Como citado anteriormente, Abreu localiza o princípio dinâmico motivador da narrativa pornô nas diferenças entre o masculino e o feminino (1996, p.110). Mas a quais diferenças ele se refere? Considerando a importância dos *closes* de genitálias, podemos assumir que essa diferenciação se pretende anunciada na matéria dos corpos em cena. No entanto, como nos lembra Laqueur:

A noção tão poderosa, depois do século XVIII, de que teria de haver uma coisa fora, dentro e por todo o corpo que definisse o homem em oposição à mulher e que apresentasse o fundamento de uma atração dos opostos, é inteiramente ausente na medicina clássica ou renascentista. Em termos de tradições milenares da medicina ocidental, a genitália passou a ser importante como marca da oposição sexual na semana passada. (2001, p. 33).

¹⁰Como anunciado anteriormente, não é nosso objetivo, neste trabalho, sustentar um posicionamento favorável/contrário à pornografia, tampouco à educação sexual escolar. Interessa-nos a investigação do que há da educação sexual escolar no modus operandi pornográfico e de pornográfico no modus operandi da educação sexual escolar. Não se trata, por fim, de embutir em uma ou outra qualquer valoração de ordem moral.

Se fizermos, como nos convida Butler, “[...] um retorno à noção de matéria, não como local ou superfície, mas como um processo de materialização que se estabiliza ao longo do tempo para produzir o efeito de fronteira, de fixidez e de superfície – daquilo que nós chamamos matéria” (2013b, p. 163), chegaremos à questão: “[...] ‘através de que normas regulatórias é o próprio sexo materializado?’ E por que é que tratar a materialidade do sexo como um dado pressupõe e consolida as condições normativas de sua própria emergência?” (BUTLER, 2013b, p. 163).

Assim, para a autora, ainda que, a partir do contexto científico moderno, a diferença sexual seja comumente centrada em diferenças materiais, o “sexo” é, em outras palavras, um construto que se materializa – e que também produz a materialização – de normas regulatórias. Essas normas “[...] trabalham de uma forma performativa para constituir a materialidade dos corpos e, mais especificamente, para materializar o sexo do corpo, para materializar a diferença sexual a serviço da consolidação do imperativo heterossexual” (2013b, p. 154). Assim é que o sexo de um corpo se materializa não simplesmente como “[...] resultado de uma plástica estético-fisiológica, mas sim da reiteração discursiva que se impõe e interpela este corpo.” (SIERRA; NOGUEIRA; MIKOS, 2016, p. 14).

Nessa perspectiva, podemos entender que, à medida em que os *closets* pornográficos mostram a unificação (hetero) sexual entre homem e mulher, também enunciam visualmente a cisão entre o que é homem (pênis) e o que é mulher (vagina), produzindo-os como corpos inteligíveis desde sua coerência e continuidade na cadeia – estabelecida pela própria matriz heterossexual – entre sexo, gênero e desejo. Ou seja, essa cadeia normativa exige que se produza dois corpos, dois sexos, dois gêneros e o desejo de um pelo outro. Marcar a diferença sexual como um dado – algo que estaria ali, na anatomia, na matéria – é uma tentativa de isolar e estabilizar as instâncias do feminino e do masculino para, por fim, naturalizar e valorar como “normal” o desejo e as práticas heterossexuais.

O empreendimento genealógico de Butler “[...] de estabelecer as condições normativas em que a materialidade do corpo é enquadrada e formada, em como ganha forma, particularmente, através de categorias diferenciadas de sexo” (2002, p. 40, tradução nossa) se direciona a mostrar que a diferença sexual opera na própria formulação da matéria – assim, evocar a materialidade significa evocar uma história, não uma instância inequívoca –, o que pode se desdobrar na pergunta: mas sem as regulações heteronormativas, a materialização da matéria evidenciar-se-ia instável e aberta a outras articulações que não as binariamente

genericadas? E essa regulação heterossexualizante, que procura estabilizar e fixar a oposição material entre os sexos, estaria dada a ver no cinema pornô?

Lembremos que o componente paradigmático dos filmes pornô não se resume ao *close* das genitálias, as genitálias precisam estar *em ação*. E o que seria o “em ação” de um filme pornô? Nas nove sequências de atos sexuais que compõem *Garganta Profunda*, encontramos planos em *close* de: vagina durante *cunnilingus* (ou língua penetrando vagina), pênis durante felação (ou pênis penetrando boca), pênis penetrando vagina, pênis penetrando ânus, dedo penetrando vagina e dedo penetrando ânus. Como o título e a trama sugerem, desses, o tipo de ação que aparece em maior quantidade de planos, são as felações (seguidas, em segundo lugar, pela penetração de vagina por pênis).

O fato de que, em todos os casos, o penetrador seja um personagem masculino cisgênero¹¹ e a penetrada uma personagem feminina cisgênera, mesmo quando o orifício penetrado não é a vagina e/ou quando o órgão penetrador não é um pênis, não demonstraria a indissociabilidade defendida por Butler entre a matéria dos corpos e as normas regulatórias que governam sua materialização? Poderíamos considerar os *closes* de genitálias em (penetr)ação heterossexual, não só como instância de fixação da diferenciação sexual binária (produzida pelo e produtora do *continuum* sexo-gênero-desejo), mas também como estabilizadora da própria materialização da matéria (entendida como o sexo) dos corpos?

Em outras palavras: serviriam os *closes* de penetração não só para demarcar e consolidar que “tem vagina, logo é um corpo feminino, logo é uma mulher, logo deseja/transa com homem”, ou “tem pênis, logo é um corpo masculino, logo é um homem, logo deseja/transa com mulher”, como também para materializar o sexo, mesmo quando não houver um pênis e/ou uma vagina em *close*, através da regulação “penetra, logo é corpo masculino, logo é forma-pênis” e “é penetrada, logo é feminino, logo é receptáculo-vagina”? Se a uma penetração em *close* - na qual, por exemplo, o órgão penetrador é um dedo e o orifício penetrado é um ânus - não se pudesse ter certeza que o sexo do corpo penetrado corresponde a uma vagina e que o sexo do corpo penetrador corresponde a um

¹¹A cisgêneridade refere-se a pessoas de quem o sexo e o gênero estão coerentemente alinhados na cadeia, regulada pela matriz heterossexual, sexo-gênero-desejo. Ou seja, por “personagem masculino cisgênero”, referimo-nos a personagens masculinos com pênis; por “personagem feminina cisgênera”, referimo-nos a personagens femininas com vagina.

pênis, conseguir-se-ia desencadear e solucionar um tipo de narrativa que se faz especificamente centrada na diferença sexual?

Aqui, as diferentes acepções do termo “sexo” se fazem elucidativamente entrecruzadas: sexo enquanto ação sexual, sexo enquanto genitália e sexo enquanto superfície sobre a qual, em uma visão ontológica, inscrever-se-ia o gênero. A eleição dos *closets* de penetração como enquadramentos emblemáticos poderia ser explicada, portanto, a partir da noção de que o sexo, como ato, está invariavelmente atrelado ao sexo, como matéria/órgão genital, e que, por sua vez, a matéria/órgão tem sua materialização regulada pela matriz heterossexual – que estabelece a generificação, diferenciando excludentemente o feminino do masculino e atribuindo-lhes posições complementárias: ele penetra, ela é penetrada. Assim, faz-se da penetração o ato *sine qua non* da narrativa pornográfica e, conseqüentemente, de uma ideia de verdade a respeito da ação sexual.

Desse modo, a penetração do feminino pelo masculino na relação sexual pornográfica também acaba por atender a pressupostos reprodutivos científico-biológicos, sendo a ejaculação masculina (explorada no *come shot*) o elemento que completa a tríade. Órgão genital ↔ órgão sexual ↔ órgão reprodutivo: também aqui a articulação de uma malha de terminologias se faz ilustrativa do completo comprometimento entre a iconografia pornográfica e a matriz heterossexual. O ritual “penetra, goza” (re)produz um saber e uma norma que equivalem a ação sexual ao coito, à cópula. A esse respeito, afirma Laura Milano:

Em linhas gerais, não há muita diferença entre os documentários sobre a reprodução de animais selvagens e a amostra documental da genitalidade entre humanos que a pornografia oferece. Os atos sexuais na tela devem se mostrar com a mesma pretensão de realidade que um documentário [...]. A ejaculação é a evidência de que o que se passou entre os atores diante das câmeras é verdadeiro, por isso, ela é o signo distintivo da atual discursividade pornográfica. O sexo representado pelos atores não foi uma ficção, foi um fato real. (2014, p. 43, tradução nossa).

A comparação entre pornografia e os documentários sobre a reprodução de animais selvagens é profícua ao apontar para a vinculação da sexualidade à ideia de natureza. Como vimos anteriormente, Foucault, na conceituação da sexualidade como um dispositivo, evidenciou o caráter artificial desse vínculo – onde o “natural”, desde o século XIX, aparece como instância de legitimação e critério de normalidade para o que é pertinente ao sexo. Desse modo, a

ejaculação, mais do que comprovar a verdade da relação sexual realizada em cena, parece também dizer do entendimento da Natureza como uma não-ficção: penetra-se e ejacula-se, o homem na mulher, porque esse é o natural e é essa a verdade do sexo – o homem tem um pênis, a mulher tem uma vagina, “ele” deseja “ela” (e vice-versa), os corpos são diferentes e complementares, o pênis penetra a vagina e, por fim, o pênis ejacula em resposta ao prazer da ação. Como resultado, o produto natural da verdade: o *come shot*, na pornografia, a reprodução da espécie, na natureza.

Essa matriz heterossexual e reprodutiva se faz, nos volumes da *Enciclopédia da Vida Sexual*, ainda mais bem delimitada. Ser uma “mulher plena” ou um “homem verdadeiro” estaria, segundo nela consta, diretamente relacionado à capacidade reprodutiva:

“A menstruação é um fenômeno natural que confirma a capacidade procriadora da moça: abre-se para ela o caminho que a levará ao seu pleno desabrochar de mulher e de futura mãe”.

(COHEN, J. et al., 1977a, p. 119)

“(…), o adolescente tem frequentes poluções 'noturnas': por ocasião de certos sonhos ou emoções seu organismo se desfaz de espermatozóides que os testículos fabricam. O menino se torna um *verdadeiro homem*”.

(COHEN, J. et al., 1977a, p. 120)

E, em continuidade, ao desejo heterossexual:

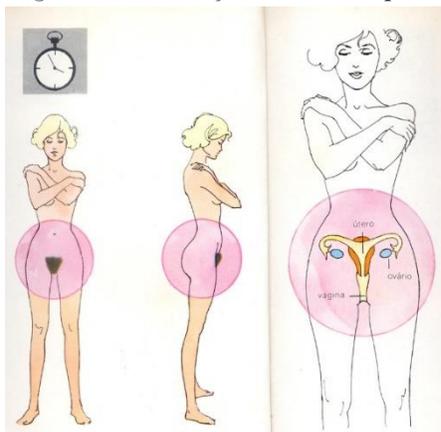
“Ora, em nossa sociedade, para provar a si mesmo que é um homem, o adolescente não dispõe de outro meio além da conquista da mulher”.

(COHEN, J. et al., 1977a, p. 150)

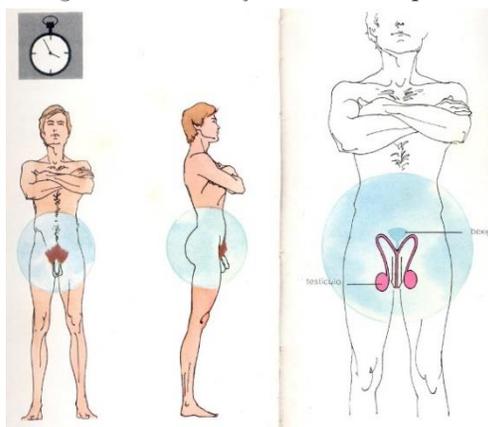
Nessa cadência, as genitálias, nas imagens que ilustram os volumes, são tão privilegiadas quanto no filme pornográfico. As autoras e os autores dedicam-se, em todos os livros, a descrever minuciosamente os funcionamentos e especificidades de cada parte do dito “sistema reprodutor” e, para isso, fazem uso de diversas ilustrações. Os órgãos genitais aparecem ora em destaque, ora recortados (em *close*) do restante do corpo; às vezes em fotografias ou desenhos

realistas, às vezes em desenhos esquemáticos que buscam indicar suas camadas internas.

Figura 3 - Ilustração da Enciclopédia Figura 4 - Ilustração da Enciclopédia

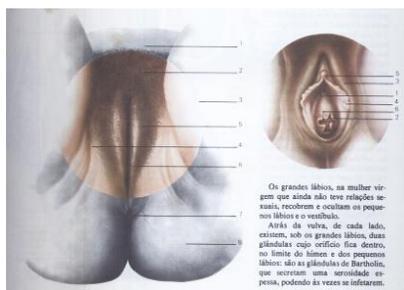


Fonte: COHEN et al. (1975a, p. 16-17).



Fonte: COHEN et al. (1975a, p. 14-15).

Figura 5 - Ilustração da enciclopédia



Fonte: COHEN et al. (1977b, p.29).

Figura 6 - Ilustração da enciclopédia



Fonte: COHEN et al. (1977c, p. 25).

Muitas vezes - sejam nos planos “ginecológicos”, sejam nas representações de ações sexuais -, os recortes e enquadramentos são bastante semelhantes aos de *Garganta Profunda*. Abaixo, o desenho da enciclopédia praticamente

corresponde a uma vista “por baixo da carne” dos corpos que figuram o plano do filme:

Figura 7 - Sobreposição de ilustração da enciclopédia e *frame* do filme



Fonte: elaboração nossa a partir de COHEN et al. (1977a, p. 71) e GARGANTA (1972, 45min).

E a própria enciclopédia descreve os desdobramentos e equivalências compulsórias entre órgãos sexuais, órgão genitais e órgãos reprodutores; entre sexo e gênero; entre relações sexuais, reprodução e desejo/prática heterossexual:

O que chamamos de 'órgãos sexuais'?

Os órgãos são, em geral, partes do corpo que desempenham uma função, um papel bem determinado. Os órgãos sexuais exercem *dupla função*: na reprodução e na própria relação sexual.

Os órgãos sexuais *internos* estão situados na parte inferior do abdome, em uma bacia óssea que se chama pelve (ou pequena bacia), onde se encontram atrás da bexiga e na frente do reto.

Há também os órgãos sexuais *externos*, que são visíveis: ocupam a região situada entre as coxas, chamada períneo. É o seu aspecto que permite reconhecer, no momento do nascimento, a menina ou o menino.

O aparelho genital compreende as glândulas, ovários e testículos (dos quais já falamos), e um conjunto de condutos que permitem aos espermatozóides ir ao encontro dos óvulos em função da reprodução. Eles são constituídos de tal forma que a relação sexual seja possível entre um homem e uma mulher. Assim é que

o homem tem um órgão *em relevo*, o pênis, que pode ser introduzido num órgão *côncavo*, a vagina da mulher, durante as relações sexuais.

Em todos os animais o encontro óvulo-espermatozóide tem como resultado a criação de um ovo. Mas as modalidades desse encontro são diferentes segundo as espécies.

(COHEN, J. et al., 1977a, p. 18)

A comparação de Laura Milano, entre a pornografia e os documentários de reprodução da espécie, e a ideia de ação sexual – resumida a: penetra, goza – como sinônimo de coito/cópula, são levadas, na enciclopédia, às últimas consequências. Efetivamente se naturaliza as práticas sexuais a partir dos comparativos com a reprodução de outras espécies, utilizando descrições e imagens que aproximam as posições de corpos humanos, durante a relação sexual, ao de outros animais acasalando.

Figura 8 - Ilustração da enciclopédia



Fonte: COHEN et al. (1977a, p. 18).

Figura 9 - Ilustração da enciclopédia



Fonte: COHEN et al. (1975b, p. 52-53).

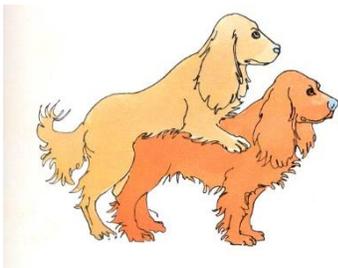
“Entre as rãs, por exemplo, os ovos são postos e recebem os espermatozoides durante sua postura: o macho se coloca sobre a fêmea para fecundá-los e eles se desenvolvem sozinhos na água”.

(COHEN, J. et al., 1977a, p. 19)

“O homem deita-se sobre a mulher, introduzindo o pênis na sua vagina. É fácil, porque, tendo ela se tornado muito úmida, o pênis desliza, instintivamente, para o seu interior. Seus dois corpos são, agora, um apenas. O prazer que sentem é tão grande que o homem tem uma ejaculação. É o que se denomina gozo”.

(COHEN, J. et al., 1975b, p. 51)

Figura 10 - Ilustração da enciclopédia



Fonte: COHEN et al. (1975a, p. 41).

Figura 11 - *Frame* do filme *Garganta Profunda*



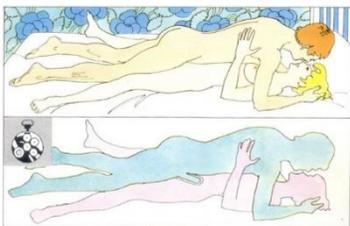
Fonte: GARGANTA... (1972, 39min).

Nesse empreendimento de naturalização da heterossexualidade e da genitalização do desejo, recorre-se à ideia de uma complementariedade entre os corpos e, novamente, de diferenciação a partir do homem-penetrador e da mulher-penetrada:

Anatomicamente, tudo concorre para facilitar a relação sexual. O pênis em ereção penetra na vagina, que o recobre como uma luva a um dedo. A lubrificação da vagina favorece a introdução e os movimentos do pênis. Também a natureza, no momento do ato sexual, favorece a fecundação. A parte superior da vagina forma um receptáculo para os espermatozoides e o colo secreta o muco que facilita sua subida.

(COHEN, J. et al., 1977c, p. 83)

Figura 12 - Ilustração da enciclopédia



Fonte: COHEN et al. (1975a, p. 37).

Figura 13 - Ilustração da enciclopédia



Fonte: COHEN et al. (1977c, p. 78).

A penetração heterossexual, assim como em *Garganta Profunda*, funcionando como definidora da verdade da “ação/relação sexual”:

“Não pode haver relação sexual sem a introdução do pênis na vagina. Portanto, somente a relação 'interna' é uma verdadeira relação sexual”.

(COHEN, J. et al., 1977a, p. 57)

O orgasmo é, também, pontuado como fim e finalidade da ação - tanto pela relação da ejaculação com a fecundação, quanto por não se propor um descolamento da ideia de prazer à ideia de gozo. O comprometimento estabelecido entre fecundação, ejaculação e prazer, assim, atuando na naturalização do desejo heterossexual e da prática genitalizada da penetração.

“Um dia quererão unir-se integralmente e, estando mais próximos do que nunca, o rapaz introduzirá seu pênis na vagina da moça, experimentando um novo prazer. Tal prazer denomina-se prazer sexual.

No momento em que o seu prazer é mais intenso, os espermatozoides saem do pênis do homem e entram pela vagina da mulher, percorrendo o tubinho. Algumas vezes, um deles encontra um óvulo em seu percurso. É dessa maneira que se pode, se assim se desejar, ter um bebê.”

(COHEN, J. et al., 1975a, p. 36-38)

“O orgasmo pode ser definido como 'o ápice do prazer sexual', que é sua meta”.

(COHEN, J. et al., 1977b, p. 67)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Às similitudes, apresentadas aqui, entre o sexo exibido em *Garganta Profunda* e o descrito na *Enciclopédia da Vida Sexual*, supomos, poderia ser atribuída a qualidade de *evidência da verdade*, justificando a possibilidade de encontro entre artefatos tão, a princípio, inconciliáveis. Alguém nos poderia dizer: “por certo que as relações sexuais enunciadas na enciclopédia e visíveis no filme têm correspondências, elas são iguais no que é indiscutivelmente *a verdade* do sexo”, ou, ainda, “as genitálias, a penetração e o orgasmo aparecem com centralidade nos dois artefatos porque é assim, *realmente*, que *o sexo é*”. Acepções como essas, enfim, apenas acentuariam uma perspectiva na qual os

sexos e as relações sexuais são entendidos como pré-culturais, a-históricas e pré-discursivas.

Será que as performances sexuais dos filmes pornográficos são meras representações – ou, mais do que isso, meros registros – das *verdadeiras* relações sexuais? Será que os textos (verbais e visuais) da enciclopédia nada mais são do que objetivas descrições científicas (logo, verídicas) da realidade dos corpos e das práticas sexuais? Ou será que podemos ousar pensar em outras direções? Não seriam, o cinema pornô e a educação sexual escolar médico-científica, discursos cuja operação se dá performativamente, à medida em que a realidade sexual que pretendem revelar é fabricada e sustentada por essas múltiplas e inúmeras instâncias discursivas na qual se entrelaçam? Não seria a própria noção de “ato sexual verdadeiro” um resultado dessas práticas enunciativas e político-visuais?

Não se trata, por fim, de negar a possibilidade de que se deseje o que é entendido como sexo oposto, de que se obtenha prazer das práticas penetrativas e genitalizadas, de descolar completamente prazer e orgasmo (como se o segundo não pudesse ser uma manifestação do primeiro). Não, não se trata disso. Mas também não se trata de aceitar como natural, espontâneo ou verdadeiro qualquer que seja o desejo, qualquer que seja o prazer, qualquer que seja a prática ou mesmo qualquer que seja o corpo. Desacomodar essas verdades sem que se ofereça uma nova certeza – apenas dúvidas e desconfiâncias –, é como podemos e queremos terminar este texto. Isto é, sem um reprodutivo, ejaculativo e orgásmico *come shot*.

REFERÊNCIAS

ABREU, Nuno Cesar. **O Olhar Pornô: A representação do obsceno no cinema e no vídeo**. Campinas: Mercado de Letras, 1996.

ALTMANN, Helena. Orientação Sexual nos Parâmetros Curriculares Nacionais. **Revista Estudos Feministas**, vol.9, n.2, 2001. p.575-585.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 5. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013a.

BUTLER, Judith. *Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo*. In: LOURO, Guacira Lopes. (Org.). **O corpo educado**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013b.

BUTLER, Judith. **Cuerpos que importan**: sobre los límites materiales y discursivos del "sexo". Buenos Aires: Paidós, 2002.

CÉSAR, Maria Rita de Assis. Gênero, sexualidade e educação: notas para uma "epistemologia". **Educar em Revista**, n.35, 2009. p.37-51.

COHEN, Jean; KAHN-NATHAN, Jacqueline; TORDJMAN, Gilbert; VERDOUX, Christiane. **Enciclopédia da Vida Sexual: da fisiologia à psicologia (7/9 anos)**. São Paulo: Abril S.A. Cultural e Industrial, 1975a.

COHEN, Jean; KAHN-NATHAN, Jacqueline; TORDJMAN, Gilbert; VERDOUX, Christiane. **Enciclopédia da Vida Sexual: da fisiologia à psicologia (10/13 anos)**. São Paulo: Abril S.A. Cultural e Industrial, 1975b.

COHEN, Jean; KAHN-NATHAN, Jacqueline; TORDJMAN, Gilbert; VERDOUX, Christiane. **Enciclopédia da Vida Sexual: da fisiologia à psicologia (14/16 anos)**. São Paulo: Círculo do Livro S.A., 1977a.

COHEN, Jean; KAHN-NATHAN, Jacqueline; TORDJMAN, Gilbert; VERDOUX, Christiane. **Enciclopédia da Vida Sexual: da fisiologia à psicologia (17/18 anos)**. São Paulo: Círculo do Livro S.A., 1977b.

COHEN, Jean; KAHN-NATHAN, Jacqueline; TORDJMAN, Gilbert; VERDOUX, Christiane. **Enciclopédia da Vida Sexual: da fisiologia à psicologia (adultos)**. São Paulo: Círculo do Livro S.A., 1977c.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: a vontade de saber**. 13. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

GARGANTA Profunda. Direção: Gerard Damiano. Gerard Damiano Film Productions. Miami, Flórida, EUA, 1972. 61 min. Son., color., 16mm.

HUNT, Lynn. **A Invenção da Pornografia: Obscenidade e as Origens da Modernidade, 1500-1800**. São Paulo: Hedra, 1999.

LAQUEUR, Thomas. **Inventando o Sexo: Corpo e gênero dos gregos a Freud**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

MACHADO, Arlindo. O Cinema Científico. **Significação: Revista de Cultura Audiovisual**, v. 41, n. 42, mar. 2015. p. 15-29.

MARREY, Étienne-Jules. **Cheval blanc monté** (fot.), 1886.

MILANO, Laura. **Usina Posporno**: disidencian sexual, arte y autogestión en la pospornografía. Buenos Aires: Título, 2014.

MUYBRIDGE, Eadweard. **The Horse in Motion** (fot.), 1878.

SAYÃO, Yara. Orientação sexual na escola: os territórios possíveis e necessários. In: AQUINO, Julio Groppa. (Org.). **Sexualidade na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1997.

SIERRA, Jamil Cabral; NOGUEIRA, Juslaine Abreu; MIKOS, Camila Macedo Ferreira. Paris still burning? – sobre o que a noção de performatividade de gênero ainda pode dizer a um cinema *queer*. **Revista Textura**, v. 18, n. 38, set./dez. 2016. p. 26-49.

WILLIAMS, Linda. **Hard Core**: Power, pleasure, and the “frenzy of the visible”. Los Angeles, University of California Press, 1989.

WILLIAMS, Linda. Film Body: An Implantation of Perversions. **Ciné-Tracts: A Journal of Film and Culture Studies**, v. 3, n. 4, winter 1981. p. 19-35.

WILLIAMS, Linda. **Screening Sex**. Durham e Londres: Duke University Press, 2008.

Recebido em 15 de dezembro de 2020.

Aprovado em 13 de julho de 2021.